RESUMO - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

PADRÕES EPIDEMIOLÓGICOS DA MPOX EM REGIÕES ENDÊMICAS E NÃO ENDÊMICAS: REVISÃO SISTEMÁTICA COM ÊNFASE EM DADOS SECUNDÁRIOS

Eraldo Paulo Junior (eraldo.junior.2014424@gmail.com)

Jonatas De Azevedo Matos (contatojonatas03@gmail.com)

Letícia Dias Velôso (leticiadiasveloso2@gmail.com)

Jonathas Albertino De Souza Oliveira Carneiro (universodigital.tj@gmail.com)

André Luís Souza (0140028@professor.unig.edu.br)

Introdução: Segundo a OMS, cerca de 75% das doenças infecciosas emergentes têm origem animal, sendo classificadas como zoonoses que impactam a saúde pública, meio ambiente e economia. Entre essas enfermidades, a mpox, causada pelo vírus MPXV, é uma zoonose de relevância global, com disseminação para países fora das regiões endêmicas africanas. A transmissão de animais para humanos ocorre por contato com tecidos, fluidos, mordidas, arranhões ou carne contaminada, enquanto entre humanos predomina o contato prolongado com secreções, lesões ou materiais contaminados. Crianças, gestantes e pessoas imunocomprometidas apresentam maior risco de formas graves e óbito. Os sintomas incluem febre,

fadiga, cefaleia, mialgias, linfadenopatia e erupção cutânea, com possíveis complicações graves em múltiplos órgãos. Objetivo: Analisar a ocorrência, letalidade, distribuição e tendências epidemiológicas da mpox nas Américas e na África, comparando padrões temporais e geográficos entre casos confirmados e óbitos, considerando a maior incidência de casos nas Américas e o maior número de óbitos na África. Material e Métodos: Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, fundamentada em dados disponibilizados pela OMS e CDC. Foram incluídos todos os casos confirmados entre 2022 e 2025, considerando as seguintes variáveis: região, número de casos e óbitos, data de notificação, histórico epidemiológico e letalidade. A busca bibliográfica foi conduzida na base PubMed, utilizando os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Foram empregados os termos mpox, transmission e epidemiology, combinados pelo operador booleano AND, restringindo-se a publicações no período de 2020 a 2025. Resultados: A análise demonstrou que o continente africano, região endêmica da doença, notificou 53.082 casos e 225 óbitos entre 2022 e 2025, com aumento expressivo em junho de 2025, quando foram registrados 6.272 casos. Nas Américas, segunda região mais afetada, foram registrados 70.451 casos e 154 óbitos no mesmo período, apresentando tendência de queda em 2025, com 2.588 casos reportados entre janeiro e agosto. A letalidade foi superior na África (0,42%) em comparação às Américas (0,22%). Enquanto a África enfrenta uma condição endêmica, nas Américas a letalidade menor reflete a detecção mais ampla de casos e a capacidade de resposta das redes de saúde, embora persista o risco de surtos e a circulação do Clado I. Segundo o CDC, o Clado I está associado a maior gravidade clínica, com taxa de mortalidade de até 10%, enquanto o Clado II, responsável pelo surto global iniciado em 2022, geralmente provoca infecções menos graves, com mais de 99,9% dos casos resultando em sobrevivência. A análise dos quatro países com maior número de casos revela contraste entre Clados e contextos regionais: na África, a República Democrática do Congo (Clado I) apresenta alta incidência e mortalidade, enquanto a Nigéria (Clado II) registra menor letalidade. Nas Américas, Brasil e Estados Unidos (Clado II) apresentam mortalidade mais baixa, refletindo detecção precoce, embora a vigilância continue necessária. Conclusão: A mpox circula em regiões endêmicas e não endêmicas, apresentando elevada letalidade na África e incidência nas

Américas. Estes padrões destacam a importância de estratégias de vigilância epidemiológica, prevenção de surtos e monitoramento contínuo do Clado I, associado a maior gravidade clínica.

Palavras-chave: mpox; transmissão; epidemiologia.